

COLÉGIO SÃO LUÍS

ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HELENA FREIRE BENITES

Os animais domésticos como recurso terapêutico no cuidado hospitalar

Uma análise sobre intervenções assistidas por animais e o impacto no bem-estar de crianças e adolescentes com doenças crônicas

São Paulo

2025

HELENA FREIRE BENITES

Os animais domésticos como recurso terapêutico no cuidado hospitalar

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação Científica”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientador: Profa. M.a Gisele Cova dos Santos Rodrigues

Dedico este trabalho a todos os profissionais de saúde que, com sua sensibilidade e humanidade, atuam ou já atuaram na área das Intervenções Assistidas por Animais e no cuidado a crianças e adolescentes com doenças crônicas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de demonstrar minha gratidão aos meus pais. Esses que me deram a vida, o amor incondicional e a estrutura para chegar até aqui. E especificamente, o meu agradecimento mais sincero vai para a minha mãe. Foi você quem me ajudou a encontrar esse tema tão interessante. Obrigada por ser o meu maior exemplo, sua inteligência e dedicação me inspiram. Foi o seu apoio que me manteve firme durante toda a pesquisa.

Também agradeço minha orientadora, Gisele, a quem sou profundamente grata. Gostaria de agradecer, principalmente, pela sua paciência. Houve momentos de incerteza, e sua calma e clareza foram fundamentais para guiar a estrutura e a metodologia deste trabalho.

Um agradecimento especial e fundamental eu dedico para as minhas entrevistadas, Roberta Tanabe e Anita Paez. Vocês não têm ideia de quão importantes foram para este trabalho. Ao compartilharem suas práticas e vivências, vocês trouxeram a vida real para as páginas da pesquisa. O estudo sobre o impacto no bem-estar de crianças e adolescentes com doenças crônicas ganhou voz e credibilidade graças à generosidade de vocês.

Por fim, gostaria de demonstrar todo o meu respeito e admiração a todos os profissionais de saúde, que dedicam suas vidas ao cuidado humanizado em ambientes hospitalares. O trabalho de vocês é essencial. A dedicação diária de vocês em busca de um cuidado mais humano e acolhedor é a inspiração que move a busca por novas terapias.

Animais nos ajudam a entender
emoções que palavras não
conseguem traduzir.”
— *Temple Grandin*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender como a convivência com animais domésticos pode contribuir para o bem-estar psicológico de crianças e adolescentes em hospitalização prolongada, especialmente no contexto do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), que realiza Atividades Assistidas por Animais (AAA) com a cadela Flor. A pesquisa tem caráter qualitativo e foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e de uma visita ao hospital, incluindo observação da atividade e entrevista com as profissionais responsáveis. Foi analisado os benefícios emocionais e sociais dados pela presença do animal, assim como os desafios enfrentados na implementação desse tipo de intervenção. Os resultados evidenciaram que a interação com a cadela gera momentos de alegria, relaxamento e distração, reduzindo o estresse e fortalecendo vínculos entre pacientes, familiares e equipe de saúde. Além disso, foi possível observar que a atividade melhora o ambiente hospitalar, tornando-o mais humanizado. Entretanto, a pesquisa também destacou a importância dos cuidados técnicos, como o treinamento adequado dos animais e o acompanhamento profissional constante. Conclui-se, portanto, que as Intervenções Assistidas por Animais podem ser um importante recurso complementar no cuidado hospitalar, desde que realizadas de forma responsável e com atenção ao bem-estar de todos os envolvidos.

Palavras-chave: Humanização Hospitalar, Intervenções Assistidas por Animais, hospitalização, bem-estar psicológico.

ABSTRACT

This study aimed to understand how the coexistence with domestic animals can contribute to the psychological well-being of children and adolescents undergoing prolonged hospitalization, specifically in the context of the Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), which carries out Animal-Assisted Activities (AAA) with the dog Flor. The research is qualitative in nature and was developed through a bibliographic review and a visit to the hospital, including observation of the activity and interviews with the responsible professionals. The emotional and social benefits provided by the animal's presence were analyzed, as well as the challenges faced in implementing this type of intervention. The results showed that interaction with the dog generates moments of joy, relaxation, and distraction, reducing stress and strengthening bonds among patients, family members, and the healthcare team. Furthermore, it was observed that the activity improves the hospital environment, making it more humanized. However, the research also highlighted the importance of technical care, such as adequate animal training and constant professional supervision. It is concluded, therefore, that Animal-Assisted Interventions can be an important complementary resource in hospital care, provided they are carried out responsibly and with attention to the well-being of everyone involved.

Keywords: Hospital Humanization. Animal-Assisted Interventions. Hospitalization. Psychological Well-being.

Lista de figuras:

Figura 1: Cão terapeuta em visita hospitalar.....19

Figura 2: Foto autoral da cadela Flor.....21

Lista de abreviaturas e siglas:

AAA - Atividade Assistida por Animais

IAA – Intervenções Assistidas por Animais

IFF – Instituto Fernandes Figueira

TAA - Terapia Assistida por Animais

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 METODOLOGIA	12
1.2 PERGUNTAS E HIPÓTESES	13
2 REVISÃO TEÓRICA	14
2.1 Impacto das Doenças Crônicas na infância e adolescência	14
2.2 Aspectos Psicológicos da Hospitalização Prolongada	16
2.3 A Relação Humano-Animal: Conceitos e Fundamentos	17
2.4 Intervenções Assistidas por Animais no Contexto Hospitalar	18
3 A EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA	19
3.1 Objeto de estudo	19
3.2 Objetivos da pesquisa	20
3.3 Entrevista	21
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
5 CONCLUSÃO	28
6 REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A presença de animais domésticos em hospitais, como parte da Terapia Assistida por Animais (TAA), é um tema que tem ganhado grande relevância nos últimos anos. Apesar da ideia de utilizar animais como apoio emocional não seja nova, registros históricos mostram que um dos primeiros usos da TAA ocorreu em 1792, no Retiro de York (The Retreat), na Inglaterra, onde pacientes que tinham transtornos mentais eram incentivados a interagir com animais como parte do tratamento (PATAS THERAPEUTAS, 2023). Já na década de 1960, o psicólogo Boris Levinson publicou “O cão como co-terapeuta” e conseguiu observar que a presença do seu cão em sessões de terapia com crianças favorecia a comunicação e fortalecia o vínculo terapêutico (LEVINSON, 1962 apud LUZ et al., 2016). Esses acontecimentos ao longo da história foram fundamentais para o desenvolvimento da TAA como uma prática eficiente, liderada por profissionais qualificados e com definidos objetivos.

A presença de animais em hospitais deixou de ser vista apenas como algo simbólico ou recreativo. A prática passou a ser valorizada dentro de propostas terapêuticas mais amplas, principalmente por causa dos variados efeitos positivos que podem gerar na saúde mental e física dos pacientes. De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), diversos hospitais brasileiros já implantaram programas de Terapia Assistida por Animais (TAA), como o Hospital Municipal Infantil Menino Jesus (em São Paulo), e o Instituto Fernandes Figueira (no Rio de Janeiro) já contam com programas de Terapia Assistida por Animais, que vem apresentando bons resultados no cuidado de pacientes (Fiocruz, 2022). Além disso, pesquisas internacionais também já comprovaram os efeitos fisiológicos da TAA, como por exemplo, a redução dos níveis de cortisol (hormônio do estresse), diminuição da pressão arterial e aumento da produção de ocitocina, o que promove sensações de bem-estar e relaxamento (Beetz et al., 2012). Essa mudança nas formas de tratamento refletem uma nova forma de pensar o cuidado hospitalar, pois além de tratar a doença, também acolhe o paciente de forma integral, buscando compreender e ajudar a pessoa considerando seu estado emocional e afetivo.

A International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO), que é uma organização global que trata das interações entre humanos e animais desenvolveu e implementou, em 2018, definições para as Intervenções Assistidas por Animais (IAA). Essas intervenções são sempre bem planejadas e trazem animais treinados para ajudar na saúde e educação. Mas para essa pesquisa, é mais importante conseguir diferenciar a Atividade Assistida por Animais (AAA) e a Terapia Assistida por Animais (TAA). A AAA é considerada uma forma mais informal e que não exige acompanhamento do progresso, porém mesmo assim precisa de planejamento e um treinamento adequado dos animais e das equipes. Já a TAA, que é o foco principal desse trabalho, é feita na área da saúde, sempre com profissionais especializados e tem como objetivo melhorar aspectos físicos, emocionais e sociais dos pacientes, utilizando animais treinados como parte do tratamento (IAHAIO, 2018). Além disso, a IAHAIO também destaca a importância de garantir o bem-estar dos animais envolvidos, que devem estar saudáveis, bem treinados e sempre confortáveis durante as atividades. Os humanos envolvidos também devem ser protegidos para que a interação seja segura e positiva para todos

Apesar de já ser bem conhecido que a presença de animais pode ajudar no ambiente hospitalar, o objetivo deste trabalho é entender melhor como a convivência com animais domésticos pode ajudar no bem-estar psicológico durante o tratamento de crianças e adolescentes que ficam internados por muito tempo, principalmente aqueles com doenças crônicas que precisam passar mais de 30 dias no hospital, mais especificamente, no Instituto Fernandes Figueira (IFF). A escolha do IFF se deu não apenas pela relevância institucional do hospital, mas também pela forma cuidadosa e organizada como a atividade é conduzida, com atenção tanto ao bem-estar dos pacientes quanto à saúde e segurança dos animais envolvidos.

A hospitalização prolongada pode gerar diversos impactos emocionais em crianças e adolescentes, como ansiedade, estresse, medo, tristeza e até sintomas depressivos, além de provocar uma séria ruptura nas rotinas e um grande afastamento da vida social desses pacientes (Ministério da Saúde, 2018). Portanto, a pesquisa busca investigar de que forma essa interação pode melhorar o bem-estar psicológico desses pacientes, que traz mais conforto e ajuda a enfrentar a hospitalização. Pesquisar esse tema é importante porque, além de ajudar a melhorar a qualidade de vida dos pacientes, pode mostrar para hospitais e profissionais da saúde que incluir

animais nos tratamentos pode ser uma forma eficaz de cuidado que vai além dos remédios e outros procedimentos tradicionais.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar de que forma a convivência com animais domésticos, por meio da Terapia Assistida por Animais (TAA), pode atuar como um recurso de apoio ao bem-estar psicológico de crianças e adolescentes. O foco da investigação reside em pacientes que enfrentam longos períodos de internação, sendo o estudo concentrado especificamente no contexto do Instituto Fernandes Figueira (IFF).

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa vai ser composta por uma série de objetivos específicos. Inicialmente, o trabalho irá observar e analisar as interações estabelecidas entre os pacientes e os animais durante as atividades assistidas realizadas no ambiente hospitalar. Em seguida, identificar os principais benefícios emocionais e sociais que são relatados pelos profissionais de saúde diretamente envolvidos no programa de TAA. Além disso, será importantíssimo compreender as percepções desses profissionais acerca da presença do animal dentro do ambiente hospitalar e, de forma complementar, investigar os desafios e cuidados práticos necessários para a implementação segura e eficaz da TAA.

1.1 METODOLOGIA

Este trabalho segue uma abordagem qualitativa, pois busca compreender a experiência humana por meio da observação, valorizando as percepções e sentimentos dos indivíduos envolvidos. A metodologia utilizada combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo.

A primeira parte da pesquisa foi construída a partir de uma revisão de artigos científicos e documentos oficiais que abordam a Terapia Assistida por Animais (TAA) e suas aplicações em ambientes hospitalares. Essa revisão teórica foi fundamental para compreender o histórico da TAA, seus fundamentos, benefícios, riscos e diretrizes éticas.

A segunda parte, consistiu em uma visita ao Instituto Fernandes Figueira (IFF), no Rio de Janeiro, onde ocorre uma atividade regular de AAA conduzida com a cadela Flor. Durante a visita, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas

profissionais diretamente envolvidas no projeto, Anitta e Roberta, ambas atuantes na equipe de saúde responsável pela coordenação da atividade.

As entrevistas foram conduzidas de forma aberta e acolhedora, buscando compreender, a partir da experiência das profissionais, como o programa é organizado, quais são os impactos percebidos nos pacientes e quais os principais desafios enfrentados na prática. A escolha por entrevistas semiestruturadas se deu justamente pela flexibilidade que esse formato oferece: têm perguntas definidas, mas também tem espaço para que as entrevistadas compartilhem percepções espontâneas, experiências marcantes e reflexões sobre o trabalho.

Além das entrevistas, foi realizada observação direta da atividade, acompanhando a interação da cadela Flor com pacientes, familiares e profissionais de saúde. Essa observação permitiu registrar reações, expressões de alegria, curiosidade e afeto tanto das crianças quanto da equipe, o que contribuiu para compreender o alcance emocional da presença do animal no ambiente hospitalar.

Durante a coleta de dados, foram seguidas todas as normas éticas de pesquisa, com autorização prévia das profissionais e respeito à privacidade dos pacientes e funcionários do hospital. Nenhum dado pessoal ou identificável foi divulgado, e as informações obtidas foram utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

1.2 PERGUNTAS E HIPÓTESES

Com base no referencial teórico as questões principais a serem investigadas nesse trabalho são: Quais são os benefícios psicológicos mais evidentes observados nos pacientes que participam de programas de TAA?; Quais são os desafios e limitações encontrados pelos profissionais na implementação da TAA em hospitais?

As hipóteses elaboradas para responder as questões são:

Quais são os benefícios psicológicos mais evidentes observados nos pacientes que participam de programas de TAA?

Hipótese: A Terapia Assistida por Animais (TAA) deve promover benefícios psicológicos para as crianças hospitalizadas. A presença dos cães melhora o humor

dos pacientes, o que pode proporcionar momentos de distração e conforto durante o período intenso de internação. Além disso, essa interação fortalece a autoestima das crianças e melhor relação com os profissionais de saúde.

Quais são os desafios e limitações encontrados na implementação da TAA em hospitais?

Hipótese: A implementação da Terapia Assistida por Animais (TAA) em hospitais provavelmente enfrenta desafios relacionados ao treinamento adequado dos cães, a necessidade de garantir a segurança dos pacientes, a supervisão pelos profissionais treinados, e dificuldades na adaptação dos animais ao ambiente hospitalar.

Concluindo, esse trabalho busca refletir não só sobre os benefícios, mas também sobre os cuidados éticos que garantem uma prática segura tanto para os pacientes quanto para os animais, assegurando que essa intervenção seja sempre realizada de maneira responsável e humanizada. Por isso, é importante lembrar que, além de trazer alegria e bem-estar, a presença dos animais nos hospitais exige cuidado. Garantir que os animais treinados estejam bem, saudáveis e que também se sintam confortáveis nesse ambiente, é essencial para que a experiência seja benéfica para todos.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Impacto das Doenças Crônicas na infância e adolescência

Receber o diagnóstico de uma doença crônica durante a infância ou adolescência muda completamente o cotidiano da criança e de sua família. Essas doenças exigem tratamentos contínuos, acompanhamento médico frequente e, muitas vezes, internações prolongadas. O Ministério da Saúde (2014) destaca que as doenças crônicas não afetam apenas o corpo físico, mas também o emocional e o social, trazendo desafios que ultrapassam o campo biomédico. Muitas vezes, a criança precisa lidar com a limitação de movimentos, dores constantes e restrições nas atividades do dia a dia, o que interfere diretamente em seu desenvolvimento emocional e social. (Ministério da Saúde, 2014).

Segundo Savassa (2004), o enfrentamento de uma doença crônica durante a infância envolve “uma reorganização profunda da vida da criança e da família, que precisam aprender a lidar com o imprevisível, o medo e a dependência”. Já Canesqui (apud Mendes, 2012) explica que essas condições vão além das doenças físicas, englobando também problemas mentais e deficiências contínuas que impactam o cotidiano de forma duradoura.

"As condições crônicas vão, portanto, muito além das doenças crônicas (diabetes, doenças cardiovasculares, cânceres, doenças respiratórias crônicas etc.), ao envolverem doenças infecciosas persistentes, condições ligadas à maternidade e ao período perinatal, distúrbios mentais de longo prazo, deficiências físicas e estruturais contínuas, doenças metabólicas, doenças bucais e enfermidades que acarretam sofrimento." (CANESQUI, A. M. apud MENDES, M. C., *Saúde e sociedade: as relações entre corpo, ambiente e cultura*, São Paulo: Hucitec, 2012, p. 31)."

Ou seja, as doenças crônicas vão muito além de apenas condições biomédicas. É necessário considerar os múltiplos fatores que afetam a vida da criança, incluindo repercussões sociais, emocionais e familiares (WHO, 2023)

A hospitalização prolongada agrava essas questões. Gouvêa (2010) afirma que o afastamento da escola, dos amigos e da rotina pode causar sentimentos de solidão, medo e regressão comportamental. Em muitos casos, a criança acaba se tornando mais dependente emocionalmente dos cuidadores e tem dificuldade de se adaptar ao ambiente hospitalar. Sassiotto (2007) vai dizer que “A hospitalização rompe com a rotina da criança, afasta-a do seu ambiente de segurança e provoca intensos sentimentos de medo, ansiedade e solidão” (p. 15)

Do ponto de vista teórico, Winnicott (1983) fala que o desenvolvimento emocional saudável depende de um “ambiente suficientemente bom”, que ofereça previsibilidade, afeto e segurança. Quando o ambiente hospitalar não proporciona isso, o sofrimento psicológico tende a aumentar. Em um contexto de internação prolongada, o hospital precisa, portanto, oferecer um espaço de acolhimento, afeto e estabilidade para evitar que a criança se sinta desamparada e vulnerável.

Pesquisas apontam que estratégias que promovem o bem-estar emocional durante o tratamento, como a presença de familiares, brinquedotecas e atividades lúdicas, são fundamentais para reduzir o sofrimento e melhorar a adesão ao tratamento (Bonin, 2022). Dessa forma, compreender o impacto das doenças crônicas

é essencial para propor práticas de cuidado que vão além do tratamento físico e que valorizem o aspecto humano e psicológico do paciente. Canesqui (apud Kleinman & Kleinman, 1997) vai dizer que:

"O sofrimento é complexo e ultrapassa o indivíduo que sofre. É preciso evitar essencializar, naturalizar ou sentimentalizar o sofrimento, para não diluir e despolitizar um problema que tem suas origens e repercussões na relação indivíduo-sociedade".

Isso sugere que o sofrimento deve ser entendido como um fenômeno social complexo, cujas raízes estão nas dinâmicas de poder e nas estruturas da sociedade, e não apenas na fragilidade da alma humana. Portanto, a solução para certas formas de sofrimento deve envolver mudanças políticas e sociais, e não apenas terapias ou ajustes individuais

2.2 Aspectos Psicológicos da Hospitalização Prolongada

A internação hospitalar prolongada é um evento que afeta profundamente o psicológico de crianças e adolescentes. Além de lidar com a dor e o desconforto físico, a criança precisa enfrentar o afastamento da rotina e da convivência familiar. Segundo Savassa (2004, p. 23): "A hospitalização infantil desperta reações emocionais complexas, que podem ir da ansiedade à apatia, passando pelo medo, pela raiva e pela tristeza. Nesse contexto, crianças podem apresentar irritabilidade, apatia, regressão comportamental ou dificuldade de comunicação, e isso reflete o impacto psicológico do afastamento de seu ambiente seguro e familiar.

A separação do ambiente doméstico, que é o espaço de segurança e previsibilidade, rompe a sensação de estabilidade emocional da criança. Winnicott (1983) explica que o vínculo com figuras cuidadoras é essencial para a formação de um "ambiente de sustentação", e sua ausência pode levar a sentimentos de desamparo. Quando esse ambiente é substituído por um hospital, o corpo clínico precisa assumir parte desse papel acolhedor, garantindo que o cuidado vá além da dimensão médica.

Gouvêa (2010) destaca que a equipe de saúde tem papel fundamental nesse processo, pois a forma como médicos, psicólogos e enfermeiros se comunicam com

o paciente interfere diretamente em sua percepção do tratamento. A autora observa que “a hospitalização pode ser menos traumática quando há empatia, escuta e afeto na relação entre profissional e paciente”

Outro aspecto relevante é o papel da família. Satir (1991) afirma que manter os vínculos familiares e a comunicação aberta durante o tratamento ajuda a criança a se sentir mais segura e confiante. No entanto, o contexto hospitalar muitas vezes impõe limites a esse convívio, exigindo que os profissionais criem estratégias de aproximação emocional, como brinquedotecas, atividades recreativas e programas de interação.

Assim, fica evidente que o hospital pode ser tanto um espaço de cura quanto um ambiente gerador de sofrimento psicológico. A diferença está na forma como o cuidado é oferecido. Quando o ambiente hospitalar é humanizado e acolhedor, o impacto emocional é reduzido, e a criança passa a compreender o hospital como um lugar de apoio, e não apenas de dor (Bonin, 2022)

2.3 A Relação Humano-Animal: Conceitos e Fundamentos

A relação entre humanos e animais é uma das mais antigas e significativas formas de vínculo afetivo. Inicialmente ligada ao trabalho e à proteção, essa relação foi evoluindo até se tornar também uma fonte de afeto e conforto emocional. Segundo Herzog (2011), os animais passaram a ocupar papéis centrais no cotidiano das famílias, funcionando como companheiros e facilitadores de bem-estar psicológico.

Bowlby (1969) descreve, em sua teoria do apego, que o vínculo emocional é essencial para o desenvolvimento saudável. A presença de um animal pode, portanto, funcionar como uma figura de segurança, oferecendo conforto em momentos de estresse. Levinson (1962), pioneiro da Terapia Assistida por Animais (TAA), observou em seus atendimentos que crianças com dificuldades emocionais se comunicavam melhor quando havia um cão presente, servindo como uma “ponte afetiva” entre o paciente e o terapeuta

Estudos recentes apontam que a convivência com animais ajuda a reduzir a ansiedade, melhora o humor e aumenta a sensação de pertencimento. Segundo Bonin

(2022), crianças hospitalizadas que participam de atividades com cães demonstram “expressões mais frequentes de alegria e relaxamento, além de uma melhora na interação com os profissionais de saúde”.

Essa relação também pode ser explicada pela biofilia, conceito desenvolvido por Edward O. Wilson (1984), que descreve a afinidade natural do ser humano com outras formas de vida. Essa conexão explica por que o contato com animais desperta sentimentos de calma, empatia e segurança, que são elementos essenciais em contextos de vulnerabilidade emocional, como o hospitalar.

Portanto, a relação humano-animal vai muito além de uma simples companhia, ela serve como um recurso que favorece vínculos afetivos, comunicação e bem-estar em contextos de vulnerabilidade. Quando reconhecida como parte do cuidado integral, essa interação amplia as possibilidades terapêuticas e reforça a importância de valorizar os aspectos emocionais no tratamento de crianças hospitalizadas (HERZOG, 2011)

2.4 Intervenções Assistidas por Animais no Contexto Hospitalar

As Intervenções Assistidas por Animais (IAA) são práticas que utilizam o vínculo humano-animal como parte de um processo de cuidado e acolhimento. Essas práticas podem se dividir em Terapia Assistida por Animais (TAA), voltada a objetivos clínicos e terapêuticos, e Atividade Assistida por Animais (AAA), mais voltada ao bem-estar emocional e à recreação (INATAA, 2023).

No Instituto Fernandes Figueira (IFF), por exemplo, a AAA é utilizada com o objetivo de aproximar o cuidado hospitalar de uma dimensão mais humana, promovendo alegria e conforto às crianças internadas. A presença da cadela Flor, acompanhada por profissionais de saúde, permite momentos de descontração e afeto, criando um ambiente emocionalmente mais leve. Segundo Roberta (entrevista, 2025), “a presença da Flor muda o clima do setor; é um respiro tanto para as crianças quanto para os profissionais”.

Pesquisas recentes, como a de Rossi (2021), apontam que essas intervenções favorecem o desenvolvimento socioemocional, reduzem o estresse e fortalecem o vínculo entre paciente e equipe. O INATAA (2023) reforça que o sucesso dessas

práticas depende de regras rigorosas de higiene, treinamento adequado dos animais e supervisão profissional constante, garantindo a segurança de todos os envolvidos.

Além disso, essas atividades exigem cuidado ético com o animal, que deve estar saudável e confortável durante o trabalho. A Associação Internacional de Terapias Assistidas por Animais (IAHAIO, 2018) enfatiza que o bem-estar do animal é tão importante quanto o benefício ao paciente, e que a atividade só é realmente terapêutica quando há respeito mútuo.

Figura 1: Cão terapeuta em visita hospitalar



Fonte: CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Cofen). Conhecimentos sobre Intervenções Assistidas por Animais: oficinas interativas. Brasília (2024). Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/conhecimentos-sobre-intervencoes-assistidas-por-animais-oficinas-intera>

3 A EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o caminho metodológico adotado nesta pesquisa, descrevendo o processo de construção, observação e análise que sustentam o trabalho. Ele vai apresentar a experiência vivida durante a visita ao Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), onde foi possível observar de perto a Atividade Assistida por Animais (AAA) e conversar com profissionais diretamente envolvidos na atividade.

3.1 Objeto de estudo

O objeto de estudo deste trabalho é a Atividade Assistida por Animais (AAA) desenvolvida no Instituto Fernandes Figueira (IFF), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), localizado no Rio de Janeiro. O hospital é referência nacional no atendimento pediátrico e em doenças crônicas, o que o torna um espaço especialmente relevante para investigar o impacto emocional da hospitalização prolongada.

A AAA no IFF é realizada com a cadela Flor, uma golden retriever treinada e acompanhada por uma equipe de profissionais de saúde, incluindo psicólogos, enfermeiros e terapeutas ocupacionais. Essa atividade não tem caráter terapêutico clínico, mas é cuidadosamente planejada para promover bem-estar emocional, socialização e momentos de descontração para pacientes e profissionais.

A escolha do IFF como campo de pesquisa partiu não apenas de sua importância institucional, mas também da forma ética e cuidadosa com que o projeto é desenvolvido. A proposta não é apenas observar o efeito dos cães nos pacientes, mas compreender como essa convivência é planejada, mediada e percebida pelos profissionais que a conduzem, dentro de um contexto hospitalar sensível e humanizado.

3.2 Objetivos da pesquisa

Objetivo Geral: Investigar de que maneira a convivência com animais domésticos, no contexto da Atividade Assistida por Animais (AAA), contribui para o bem-estar psicológico de crianças e adolescentes internados por longos períodos no Instituto Fernandes Figueira.

Objetivos Específicos: Analisar as interações entre os pacientes e os animais durante as atividades assistidas; identificar os principais benefícios emocionais e sociais observados nas crianças e adolescentes; compreender as percepções e reflexões dos profissionais envolvidos na AAA; investigar os desafios, limitações e cuidados éticos envolvidos na implementação da atividade; relacionar as observações e entrevistas com os conceitos teóricos sobre AAA e bem-estar psicológico.

3.3 Entrevista

A entrevista foi feita com duas profissionais envolvidas diretamente no projeto: Roberta, coordenadora da iniciativa, e Anita, médica do hospital. As perguntas abordaram temas como os efeitos emocionais da presença da Flor, o impacto na rotina dos profissionais e os cuidados necessários para manter o bem-estar do animal. Ao longo da conversa, as entrevistadas explicaram que o principal objetivo do projeto é promover bem-estar, alegria e conforto dentro do hospital. Como destacou Roberta, “a presença da Flor muda o ambiente. As pessoas sorriem mais, os pacientes relaxam, e até os profissionais parecem trabalhar mais leves” (Roberta).

Figura 2: Foto autoral da cadela Flor



Fonte: Autoral

As entrevistadas também ressaltaram que a interação entre o cão e os pacientes vai muito além de um simples momento de distração. Anita explicou que “Muitas vezes, as crianças que estavam mais isoladas começam a se comunicar melhor depois da visita” (Anita). Essa fala mostra como a atividade pode auxiliar de forma emocional e social, ajudando o paciente a se sentir mais acolhido e à vontade durante o tratamento. Segundo as profissionais, há casos em que o humor e a disposição dos pacientes melhoram visivelmente após a visita, o que acaba influenciando positivamente até mesmo o andamento das terapias médicas.

Durante a observação, foi possível notar como a Flor é tratada com cuidado e carinho. As profissionais explicaram que o bem-estar do animal é sempre prioridade, e que existe uma rotina de higiene e descanso específica para garantir que ela não se sinta cansada. “A Flor tem pausas entre as visitas, e só participa quando está tranquila. Ela também é acompanhada por veterinários e adestradores parceiros” (Roberta). Essa atenção reflete o compromisso ético do hospital com o respeito ao animal, seguindo as diretrizes das intervenções assistidas.

Outro ponto que se destacou na entrevista foi o impacto emocional da atividade nos profissionais de saúde. Roberta comentou que “Para quem trabalha todos os dias em um ambiente tão intenso, ter a Flor por perto é como uma pausa, um respiro” (Roberta). A presença do animal traz leveza e descontração, fortalecendo laços entre os próprios profissionais e criando um ambiente mais humano e colaborativo. Essa dimensão do projeto mostra que os benefícios vão além do paciente, alcançando toda a equipe hospitalar.

As profissionais também destacaram que o projeto é resultado de muito estudo e cuidado, e que o hospital busca sempre alinhar a prática às recomendações científicas. Anita mencionou que “A gente quer que a atividade seja reconhecida não só como algo bonito, mas como parte do tratamento, com base científica” (Anita). Essa fala reforça a importância de compreender a Atividade Assistida por Animais como uma intervenção complementar legítima e planejada, não apenas como um momento recreativo.

Sobre os critérios para que uma criança receba a visita da Flor, a equipe explicou que o principal fator é o desejo da própria criança. Porém, existem situações em que mesmo havendo interesse a visita precisa ser ajustada ou até adiada. Isso acontece em casos de lesões na pele, contaminações ou presença de bactérias resistentes, comuns em ambientes hospitalares com uso intenso de antibióticos. Para garantir segurança, algumas crianças utilizam luvas ou proteções específicas durante o contato, e a Flor passa por banhos especiais e higienização das patas antes de cada visita. Segundo a psicóloga Anitta: “todo cuidado é pouco para não passar microrganismos, sem que a Flor leve de um meio para o outro”. Todo esse cuidado

protege tanto as crianças quanto a própria cadela, garantindo que a interação seja segura e saudável.

As visitas da Flor têm um impacto emocional profundo, tanto nas crianças quanto nas famílias e na equipe de saúde. A equipe relatou que muitos momentos são marcantes, como quando uma mãe se emocionou ao ver a cadela, lembrando de seu próprio cachorro idoso em casa: “eu não posso ir para casa, que eu não posso deixar a minha filha aqui. Mas, enquanto a Flor estiver vindo, eu vou ter pelo menos um abraço de um cachorro” (Anitta). A Flor também parece ter sensibilidade para perceber quem precisa de atenção: ela se aproxima de forma intuitiva, podendo escolher interagir com crianças ou até com familiares, oferecendo conforto emocional. Um exemplo foi o atendimento a uma menina gravemente doente, que recebeu a Flor em seu colo. A equipe comentou que “foi um atendimento lindo esse. Super bonito. A menina começou a falar de todos os bichos dela” (Anitta), mostrando como os animais funcionam como mediadores afetivos importantes no ambiente hospitalar.

A rotina da Flor é cuidadosamente planejada. A cadela tem direito a períodos de lazer, passeios no parque e momentos de descanso, além de férias no verão. Antes e durante as visitas, ela segue uma rotina de cuidados, incluindo banhos especiais, higienização das patas e controle da alimentação e hidratação. Segundo a médica Roberta: “o animal tem que se beneficiar. Não é só a criança ou o adulto que tem que ter benefício, tem que ser bom para ela”. O treinamento da Flor é feito de forma ética, com reforço positivo, garantindo que ela participe das atividades de forma prazerosa e voluntária, sem estresse. Esse cuidado com o bem-estar do animal é fundamental para que a intervenção seja eficaz, segura e ética.

A atividade também apresenta benefícios concretos para o tratamento das crianças. Elas se sentem motivadas, mais engajadas e menos ansiosas, lembrando da vida fora do hospital. Muitas interações promovem experiências lúdicas e de socialização, permitindo que os pacientes expressem sentimentos e memórias afetivas. A equipe observou que “As crianças começam a falar do próprio cachorro, que estão com saudade do cachorro” (Roberta), mostrando como o contato com a Flor ajuda a resgatar momentos de alegria e normalidade. Além disso, os profissionais de saúde relataram que a presença da Flor contribui para melhorar o clima do hospital, aliviando tensões, aumentando a interação entre equipe e pacientes e fortalecendo vínculos afetivos.

Por fim, a equipe reforçou que o trabalho com a Flor não pode ser improvisado. A participação do animal depende de um treinamento rigoroso, de seleção adequada e de respeito à sua vontade e bem-estar. Eles destacaram: “Mesmo que as pessoas queiram que seu cão participe, às vezes o perfil do cão não é adequado para esse tipo de trabalho” (Roberta). Esse cuidado garante que a intervenção seja positiva para todos os envolvidos, tornando a atividade não apenas uma forma de entretenimento, mas uma estratégia terapêutica séria e eficaz, que oferece suporte emocional, social e psicológico aos pacientes e suas famílias, além de fortalecer a integração da equipe de saúde.

A visita ao Instituto Fernandes Figueira e a oportunidade de acompanhar a Flor foi extremamente enriquecedora. Foi possível acompanhar de perto a interação da cachorrinha com os pacientes e com os profissionais e é notório que o efeito que ela causa neles também funciona como uma pausa no trabalho intenso. Foi divertido e prazeroso observar a interação entre a Flor e as crianças, os adolescentes e até os profissionais de saúde, todos demonstrando alegria e entusiasmo. Cada gesto da Flor, desde deitar-se no colo de uma criança até simplesmente receber carinho, provocava sorrisos e momentos de conexão genuína. A equipe recebeu a visita técnica-investigativa de forma muito acolhedora, explicando cada detalhe do trabalho, e isso tornou a experiência ainda mais completa. Presenciar a felicidade dos pacientes e profissionais reforçou a importância dessas intervenções, mostrando que além de benefícios terapêuticos, as atividades promovem momentos de prazer, afeto e humanização no hospital, tornando claro como o contato com animais pode impactar positivamente o bem-estar emocional de todos os envolvidos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo deste trabalho, foi buscado compreender de que forma a Terapia Assistida por Animais (TAA) pode influenciar o bem-estar emocional de crianças hospitalizadas. Após acompanhar de perto a experiência da equipe do Instituto Fernandes Figueira e ouvir as falas das profissionais envolvidas na Atividade Assistida por Animais, foi possível perceber que essa prática ultrapassa o que a teoria é capaz de descrever. Mais do que uma intervenção terapêutica, a TAA é um encontro entre

afeto, empatia e cuidado. É um espaço em que o amor entre seres vivos ganha forma mesmo em um ambiente relaciona a dor e sofrimento.

A primeira hipótese levantada neste estudo aponta que “A Terapia Assistida por Animais (TAA) deve promover benefícios psicológicos para as crianças hospitalizadas. A presença dos cães melhora o humor dos pacientes, o que pode proporcionar momentos de distração e conforto durante o período intenso de internação. Além disso, essa interação fortalece a autoestima das crianças e a melhor relação com os profissionais de saúde.” Com base nas observações e nas falas das entrevistadas, essa hipótese se foi corroborada de maneira clara. As profissionais destacaram que a presença da cachorra Flor desperta sorrisos, incentiva o diálogo e cria um clima leve, mesmo durante tratamentos delicados e longas internações. Muitas vezes, uma criança que passa dias em silêncio volta a sorrir, ou mesmo a falar, diante do toque do cão. Segundo uma das entrevistadas: “é como se a Flor tivesse o dom de abrir um espaço dentro da rotina hospitalar, um intervalo de respiro em meio ao tratamento” (Roberta). Essa interação vai muito além do simples contato com o animal: ela representa uma pausa no sofrimento e uma lembrança da vida fora do hospital.

A teoria de Boris Levinson, que foi um dos primeiros a observar a importância dos animais como mediadores terapêuticos, explica que a presença de um cão pode funcionar como um “elo emocional” entre o paciente e o mundo. Essa ideia se mostrou verdadeira nas interações observadas no hospital. As crianças se aproximam da Flor de um jeito espontâneo e natural, sem medo de julgamento. Durante a entrevista, uma das profissionais relatou que as crianças costumam falar de seus próprios cães e demonstrar saudade do que deixaram em casa. Esse tipo de reação mostra como a TAA contribui para restaurar sentimentos de pertencimento, que é algo essencial para quem está em tratamento prolongado. Em muitos casos, a TAA parece devolver à criança um pouco da infância que o ambiente hospitalar havia tirado. O brincar volta a acontecer e o toque volta a ser afetuoso

Além disso, os efeitos da TAA não se limitam aos pacientes. As profissionais entrevistadas também destacaram o impacto positivo que a presença da Flor causa na equipe de saúde. O hospital, que é um lugar normalmente associado ao estresse e exaustão, ganha um novo ar nos dias de visita. Como contou uma das profissionais:

“quando a Flor entra, até o ar parece mudar” (Anita). Médicos, enfermeiros e técnicos, ao interagir com o animal, conseguem parar o ritmo acelerado de trabalho. Esse breve contato renova a energia do ambiente e ajuda os profissionais a lidarem com o peso emocional do trabalho diário. Portanto, a presença da Flor não apenas beneficia as crianças, mas também ajuda o espaço hospitalar a promover um clima mais leve e afetivo entre todos os envolvidos.

A segunda hipótese do trabalho: “A implementação da Terapia Assistida por Animais (TAA) em hospitais provavelmente enfrenta desafios relacionados ao treinamento adequado dos cães, à necessidade de garantir a segurança dos pacientes, à supervisão pelos profissionais treinados, e dificuldades na adaptação dos animais ao ambiente hospitalar.” também se confirmou. Apesar dos inúmeros benefícios, a prática dessa atividade exige um conjunto rigoroso de cuidados e protocolos. Segundo as entrevistadas, a equipe precisa garantir que o contato entre o cão e o paciente aconteça de forma segura, respeitando as condições clínicas de cada criança. Existe casos que, mesmo havendo vontade da criança, o encontro precisa ser evitado por motivos de saúde, como o risco de infecção ou contaminação. “O desejo vem em primeiro lugar, mas nem sempre é possível realizar a visita. Às vezes, precisamos colocar a proteção reversa, com luvas e aventais, para que o contato aconteça com segurança” (Anita).

Além disso, a adaptação do animal ao ambiente hospitalar é outro fator essencial. Os cães utilizados nesse tipo de atividade precisam ser bem treinados para lidar com sons, cheiros e estímulos intensos, sem demonstrar medo ou agressividade. A Flor, por exemplo, passa por banhos com produtos específicos, tem acompanhamento veterinário e um colete especial que a identifica como “em trabalho”. Ela reconhece esse momento e se comporta de forma diferente. Isso mostra que o treinamento é fundamental para garantir o bem-estar do animal. Como uma das profissionais disse: “não basta o cachorro ser bonzinho, ele precisa gostar de estar ali, e isso a gente percebe no brilho do olhar dela quando chega o dia da visita” (Roberta).

Outro ponto levantado nas entrevistas foi a importância de garantir que a TAA seja benéfica também para o animal. O cão não escolhe estar ali, e por isso o cuidado com seus limites é essencial. “A gente sempre repete: o animal também tem que se

beneficiar. Não pode ser bom só para o humano. Ele precisa estar feliz” (Roberta). Esse tipo de reflexão mostra o quanto a atividade vai além da simples presença do cachorro, se trata de uma relação recíproca, em que ambos os lados se afetam e ajudam.

Durante as entrevistas, surgiram histórias que mostram de forma clara o poder emocional dessa prática. Um dos relatos mais marcantes foi o de uma mãe que, quando viu a Flor, começou a chorar ao lembrar de sua cachorrinha idosa que estava morrendo em casa. “Ela disse que, enquanto a Flor viesse, teria pelo menos um abraço de um cachorro” (Anita). Esse episódio nos mostra o quanto o vínculo com os animais é profundo e como ele pode funcionar como um elo entre o mundo hospitalar e o mundo afetivo das famílias. Outra situação descrita pelas profissionais foi quando a Flor escolheu, por instinto, se aproximar de uma menina em cuidados paliativos, que havia acabado de perder um amigo. “Foi um atendimento lindo. Ela deitou no colo da menina e ficou ali, oferecendo conforto em silêncio” (Roberta). Esses acontecimentos demonstram que, muitas vezes, o animal percebe o sofrimento de maneira intuitiva, assim se tornando uma importante presença terapêutica mesmo sem intenção racional.

Essas histórias emocionantes ajudam a compreender por que a TAA deve ser tratada com seriedade e reconhecimento profissional. Não se trata apenas de “levar um cachorro bonitinho” para o hospital, como explicitou uma das entrevistadas. É uma atividade técnica, com base científica, que requer preparo, acompanhamento e sensibilidade. Quando realizada com responsabilidade, a TAA pode transformar o ambiente hospitalar em um espaço mais humano, onde o cuidado ultrapassa os limites da medicina tradicional.

Nesse contexto, é possível dizer que a Terapia Assistida por Animais representa uma forma de devolver ao hospital algo que muitas vezes se perde: o afeto. Em meio a máquinas, procedimentos e rotinas, os animais lembram a todos que o cuidado também é feito de toque, presença e emoção. Como disse uma das entrevistadas: “a Flor traz de volta um pedaço de casa, um pedaço do que é ser criança” (Anita). Essa dimensão simbólica é talvez o maior legado da TAA: restaurar a humanidade dentro dos espaços de tratamento.

Assim, ao refletir sobre as duas hipóteses levantadas, é possível perceber que elas não apenas se confirmam, mas se complementam. A TAA é eficaz porque trabalha onde a medicina sozinha não alcança: na alma. Ao mesmo tempo, ela exige responsabilidade, ética e conhecimento técnico para que continue sendo sempre segura e positiva. A convivência entre humanos e animais, quando orientada com empatia e respeito, pode se tornar um verdadeiro instrumento de cura emocional.

Portanto, conclui-se que a Terapia Assistida por Animais é uma prática que junta e integra ciência e sensibilidade, razão e afeto. Ela mostra que o tratamento de uma criança hospitalizada não se resume a medicamentos ou procedimentos, mas também à presença de alguém (ainda que esse alguém tenha quatro patas). Alguém que seja capaz de oferecer carinho sem pedir nada em troca. A TAA, nesse sentido, representa a própria essência do cuidado: a capacidade de tocar o outro e ser tocado, mesmo nos momentos mais difíceis.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como tema central a importância das Intervenções Assistidas por Animais (IAA), com ênfase nas Atividades Assistidas por Animais (AAA) dentro do contexto hospitalar infantil, buscando compreender como a convivência com cães pode contribuir para o bem-estar psicológico de crianças e adolescentes em hospitalização prolongada. A pesquisa surgiu do interesse em analisar de que forma a presença de um animal, especialmente de um cão treinado, poderia amenizar os impactos emocionais da internação, fortalecer vínculos afetivos e humanizar o ambiente hospitalar. O estudo teve como objeto o Programa de Atividade Assistida por Animais (AAA) desenvolvido no Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), e foi realizado por meio de revisão bibliográfica e de uma entrevista presencial com as profissionais responsáveis pela condução da cachorrinha Flor, que atua nesse projeto.

Desde o início, o trabalho se propôs a responder duas questões principais: quais são os benefícios psicológicos observados em crianças hospitalizadas que participam de programas com cães, e quais são os desafios enfrentados na implementação desse tipo de atividade em ambientes hospitalares. A partir disso, as hipóteses apresentadas indicavam que a Terapia Assistida por Animais (TAA) e a AAA poderiam promover benefícios significativos no humor, na autoestima e na interação social das

crianças hospitalizadas, além de humanizar a relação com os profissionais de saúde. Por outro lado, também se esperava identificar obstáculos como a necessidade de treinamento específico dos animais, cuidados com higiene e segurança, e a importância da atuação de profissionais qualificados para garantir uma prática ética e responsável.

Com o desenvolvimento do trabalho, foi possível confirmar as hipóteses propostas. A análise das entrevistas e das referências teóricas revelou que a presença de um animal em ambiente hospitalar realmente exerce um impacto positivo sobre o estado emocional das crianças e adolescentes. As profissionais entrevistadas relataram que a visita da Flor provoca expressões de alegria, alívio e entusiasmo, funcionando como uma pausa dentro da rotina intensa do hospital. Além disso, observou-se que o animal atua como um elo entre pacientes, familiares e equipe médica, aproximando as relações e criando um clima mais leve e acolhedor. Essa observação foi confirmada por estudos consultados ao longo da revisão bibliográfica, que destacam a redução de estresse e ansiedade, o fortalecimento da empatia e o estímulo à comunicação e ao vínculo afetivo como alguns dos principais resultados das IAA.

Outro ponto que a pesquisa demonstrou é que o sucesso dessas atividades depende de uma estrutura bem planejada e de uma equipe comprometida com os princípios éticos e técnicos. O trabalho desenvolvido no IFF mostrou que cada detalhe é cuidadosamente pensado, desde o treinamento do animal até a escolha dos pacientes que podem participar, assim garantindo segurança, respeito e bem-estar tanto para as crianças quanto para os cães. Como ressaltaram as profissionais entrevistadas, “O animal não é uma ferramenta de trabalho, é um ser vivo que também precisa estar bem emocionalmente e fisicamente para atuar nesse ambiente” (Roberta). Essa visão reforça o caráter ético da prática, mostrando que o cuidado deve ser mútuo: o cão ajuda, mas também precisa ser protegido.

No decorrer da pesquisa, ficou evidente que a hospitalização prolongada é uma experiência desafiadora e emocionalmente desgastante para crianças e adolescentes. O afastamento da casa, da escola e dos amigos, somado à rotina de tratamentos e procedimentos médicos, gera sentimentos de medo, tristeza e ansiedade. Como explica Savassa (2004), “A hospitalização infantil desperta reações emocionais complexas, que podem ir da ansiedade à apatia, passando pelo medo, pela raiva e pela tristeza” (p. 23). Nesse contexto, o trabalho com animais surge como

um importante complemento ao tratamento médico tradicional, oferecendo suporte emocional e momentos de descontração que contribuem para o equilíbrio psicológico dos pacientes. Além disso, esse tipo de intervenção também afeta positivamente os profissionais de saúde, que relatam sentir o ambiente mais leve e motivador durante as visitas.

Portanto, o estudo contribui para reforçar a importância das práticas de humanização no cuidado hospitalar, especialmente em instituições pediátricas. As Intervenções Assistidas por Animais, quando realizadas com responsabilidade e acompanhamento profissional, podem ser entendidas como uma extensão do cuidado integral, pois esses animais enxergam o paciente não apenas como corpo biológico, mas como ser emocional, social e afetivo. Como destaca Winnicott (1983), o desenvolvimento saudável da criança depende de um ambiente que ofereça segurança e acolhimento, o que se conecta diretamente com os princípios da presença terapêutica dos animais.

Do ponto de vista prático, a pesquisa evidencia que a implementação de animais em ambientes hospitalares, além de seus pontos positivos, é possível e viável, desde que respeite diretrizes específicas. Iniciativas como a do Instituto Fernandes Figueira mostram que esse tipo de projeto pode ser implantado com segurança e resultados positivos, servindo como exemplo para outras instituições públicas e privadas do país. No entanto, é importante destacar que essas práticas requerem uma estrutura institucional sólida, com supervisão constante de veterinários, psicólogos e outros profissionais da saúde. A ausência desses cuidados pode transformar uma atividade terapêutica em um risco, tanto para os pacientes quanto para os animais.

Entre as contribuições teóricas do trabalho, destaca o fortalecimento da visão de que o vínculo humano-animal possui um papel essencial no bem-estar psicológico, confirmando estudos que apontam os cães como facilitadores da comunicação e agentes de apoio emocional. Do ponto de vista social, o estudo evidencia a importância de repensar as práticas hospitalares e ampliar os conceitos de cuidado e saúde mental, incorporando novas formas de acolhimento e empatia nos ambientes de tratamento.

Por fim, é importante reconhecer que este estudo possui limitações. A pesquisa foi realizada em apenas um hospital e com uma equipe específica, o que impede generalizações amplas. Além disso, como a análise se baseou em observação e entrevistas, os resultados refletem experiências particulares. Ainda assim, o trabalho

abre espaço para futuras pesquisas que aprofundem a discussão sobre os impactos da AAA e da TAA em diferentes contextos hospitalares e com outros tipos de pacientes, como adultos e idosos.

Portanto, a presença de animais no ambiente hospitalar representa uma forma eficaz de cuidado complementar, capaz de trazer benefícios emocionais reais, desde que realizada com ética, preparo e respeito. O contato com os cães oferece conforto, alegria e esperança em momentos difíceis, transformando o hospital em um espaço mais humano e acolhedor. Mais do que uma simples atividade recreativa, a convivência com os animais se mostra como uma ferramenta terapêutica valiosa, que resgata o afeto e a sensibilidade no cuidado com o outros valores essenciais para qualquer prática de saúde que se proponha verdadeiramente a cuidar de pessoas.

6 REFERÊNCIAS

ANIMAL ASSISTED INTERVENTION INTERNATIONAL (AII). Standards of Practice and Core Competencies. Nijmegen, Netherlands: AII, 2022. Disponível em: <https://aai-int.org/wp-content/uploads/2022/07/AII-Standards-and-Comp-June-24-2022-.pdf> Acesso em: 28 jun. 2025.

BEETZ, Andrea et al. Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: the state of the evidence and future directions. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 3, n. 234, 13 jun. 2012. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2012.00234/full> Acesso em: 16 set. 2025.

BINDER, A. J. et al. Recomendações para uma terminologia uniforme nos serviços assistidos por animais. *Interações Humano-Animal*, v. 12, n. 1, p. 3–44, 2024. Disponível em: <https://www.cabidigitallibrary.org/doi/10.1079/hai.2024.0003>. Acesso em: 16 set. 2025.

BONIN, B. R. Os efeitos psicológicos das terapias assistidas por animais em crianças hospitalizadas. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BOWLBY, J. Attachment and loss. New York: Basic Books, 1969.

BRASIL. Ministério da Saúde. Recomendações para a operacionalização da Política Nacional de Promoção da Saúde na Atenção Primária à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/recomendacoes_politica_promocao_atencao_saude.pdf. Acesso em: 28 mar. 2025

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei nº 276/2023. Dispõe sobre a permissão para a visita de animais domésticos e de estimação em hospitais. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2347076>. Acesso em: 28 jun. 2025

CANESQUI, Ana Maria. Osofrimento e as intervenções sobre o sofrimento no campo da saúde/doença. In: CANESQUI, Ana Maria (Org.). Ciências sociais e saúde. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 87-109.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Cofen). Conhecimentos sobre Intervenções Assistidas por Animais: oficinas interativas. Brasília (2024). Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/conhecimentos-sobre-intervencoes-assistidas-por-animais-oficinas-interativas/>. Acesso em: 18 out. 2025

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF). Crianças internadas no IFF/Fiocruz recebem a visita de cão-terapeuta. Rio de Janeiro, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=232:criancas-internadas-no-iff-fiocruz-recebem-a-visita-de-cao-terapeuta>. Acesso em: 28 mar. 2025

GOUVÊA, R. S. A importância da afetividade no ambiente hospitalar infantil. *Revista de Psicologia Hospitalar*, São Paulo, v. 8, n. 2, 2010.

HERZOG, H. The impact of pets on human health and psychological well-being: fact, fiction, or hypothesis? *Current Directions in Psychological Science*, v. 20, n. 4, p. 236–239, 2011.

IAHAIO – INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN–ANIMAL INTERACTION ORGANIZATIONS. IAHAIO White Paper 2014, updated for 2018: The IAHAIO definitions for animal assisted intervention and guidelines for wellness of animals involved in AAI. Seattle, 2018. Disponível em: <https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/iahaio-white-paper-2018-english.pdf> Acesso em: 28 mar. 2025

LEVINSON, B. The dog as a “co-therapist”. *Mental Hygiene*, v. 46, n. 1, p. 59–65, 1962.

LUZ, Jean Carlos dos Santos da et al. O papel da Terapia Assistida por Animais no tratamento de pessoas com necessidades especiais. In: CONGRESSO CIENTÍFICO CULTURAL DO ESTADO DO PARANÁ, 7., 2016, Campo Mourão: Centro Universitário Integrado, 2016. Disponível em: <https://conccepar.grupointegrado.br/resumo/o-papel-da-terapia-assistida-por-animais-no-tratamento-de-pessoas-com-necessecidades-especiais/480/1217>.

Acesso em: 30 mar. 2025

MENDES, M. C. Saúde e sociedade: as relações entre corpo, ambiente e cultura. São Paulo: Hucitec, 2012.

PATAS TERAPEUTAS. Linha do tempo dos SAA [Serviços Assistidos por Animais]. [S. l.]: Patas Therapeutas, Disponível em: <https://www.patastherapeutas.org/linha-do-tempo>. Acesso em: 30 mar. 2025

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 9.328, de 15 de junho de 2021. Institui a Política Estadual de Assistência à Saúde de Animais. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1231944647/lei-9328-21-rio-de-janeiro-rj>.

RIO DE JANEIRO (Município). Lei Ordinária nº 7.712, de 15 de dezembro de 2022. Dispõe sobre o Programa Municipal de Intervenções Assistidas por Animais. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, 2023. Disponível em: <https://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf>.

ROSSI, B. R. A importância do vínculo afetivo entre cães e humanos no ambiente hospitalar. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SASSIOTO, M. C. A afetividade como mediadora do cuidado em hospitais pediátricos. Revista de Saúde e Humanização, v. 3, n. 2, p. 21–30, 2007.

SATIR, V. Conjoint family therapy. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1991.

SAVASSA, J. Os benefícios psicológicos da interação humano-animal em contextos terapêuticos. Revista Brasileira de Psicologia Aplicada, v. 5, n. 1, p. 33–49, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Human–animal interaction and mental health: a global perspective. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.york.ac.uk/healthsciences/research/mental-health/ourresearch/human-animal-interaction/>. Acesso em: 28 out. 2025.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.